

RESENHA

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

Iêda Fátima da Silva¹

Leonor Arfuch é doutora em Letras pela Universidade de Buenos Aires, instituição que atuava como professora titular na Faculdade de Ciências sociais e também nos cursos de Arquitetura, Desenho e Urbanismo, foi professora convidada na Universidade de Essex (Inglaterra) e na Universidade nacional Autônoma do México. A professora Leonor Arfuch, especialista em análise de discurso e crítica cultural, nesta obra, propõe uma reflexão sobre uma tríade de questões que envolvem: a subjetividade, o modo de narrar e a razão dialógica aspectos importantes para discussões imprescindíveis nos debates contemporâneos relacionados às Ciências Sociais. A autora apresenta na obra um cenário contemporâneo referenciado pelas pesquisas no contexto da autobiografia, enquanto espaço múltiplo que tem como lastro a preocupação e exploração da teorização contemporâneo do sujeito, a partir do questionamento a respeito de uma subjetividade autônoma, autocentrada e transparente da metafísica moderna e a correlação de um sujeito descentrado (pós-estruturalismo) ou constituído em torno de um vazio (Lacan), que traz á baila questionamentos em torno das formas canônicas do relato autobiográfico. Em meio a esse trabalho reconhecido internacionalmente, a pesquisadora da UBA (Universidade de Buenos Aires) e reconhecida internacionalmente pelos seus estudos em que trilhou um percurso conceitual para a compreensão das concepções que aprofundam e regem os gêneros biográficos desde as canônicas biografias até as mais atuais, era bolsista Guggenheim e foi laureada pela Academia Britânica de Ciências Sociais e Humanas – British Academy.

A autora aborda sobre a complexa relação entre sujeito, linguagem, sociedade tendo por base o espaço biográfico como modo de narrar à razão

¹ É professora do Departamento de Linguística, Literatura e Artes do Campus II da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), doutoranda em Crítica Cultural, pela mesma Universidade. Mestre em Família na Sociedade Contemporânea pelo Programa em Família na Sociedade Contemporânea da Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Católica do Salvador (UCSAL). É coordenadora do Programa de Extensão da UNEB, a Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI).

dialógica numa perspectiva de construção das narrativas pautados a partir da complexa relação dessa tríade, além do discurso indenitário e principalmente a construção de narrativas e tem o mérito de traçar o percurso da escrita biográfica, fazendo uma digressão histórica desde as canônicas biografias até as autobiografias recentes. A abordagem procura discutir e narrar experiências dos estudos em torno da autobiografia e narrativas originários na Argentina, composto pela pluralidade das vozes e dos relatos que apresentam o retorno à democracia no início da década de 1980, assim como o corrosivo discurso da dualidade entre público e privado, em que o Eu estava submetido por uma visão dualista, além da constatação binária entre “sentimento/razão”, “corpo/espírito”, “homem /mulher”, observando o que se precisava definir como formas entre os limites do que seria permitido e proibido e as incumbências dos sexos, que no século XIX se constituiu sob o signo da desigualdade de forma arraigada, em que emblematicamente se atribuía ao feminino funções eminentemente domésticas e que nesse contexto em termos políticos também formavam a experiência trágica da ditadura, onde a moldura institucional foi substituída pela temporalidade do relato constituída por uma narração que não mais se fundamentava em certezas ontológicas prévias, que numa primeira instância eram mencionadas por gêneros discursivos consagrados, na trama da cultura contemporânea outras formas aparecem como consequência da própria experiência enquanto núcleo essencial de tematização

Sendo assim, a própria autora afirma que a centralidade das narrativas depende de um contexto amplo, tendo em vista que as Ciências Sociais se debruça para a compreensão da voz e do testemunho dos sujeitos, concebida como a figura do ator social. Dessa forma, os métodos autobiográficos se delineiam como um território de uma cartografia da trajetória individual em busca dos coletivos sociais, considerando-se no contexto da pós-modernidade e da cultura contemporânea.

A autora faz uma análise das diferentes formas tradicionais de relatar a própria vida; memórias, correspondências, diários íntimos que deram conta em dois séculos da obsessão de deixar rastros, impressões e inscrições dando ênfase a uma singularidade que podemos considerar como busca da transcendência, trazendo para uma discussão mais ampla o que se considera

como novas formas autobiográficas no mundo contemporâneo, a exemplo das entrevistas, conversas, perfis, retratos, histórias de vida... Nessa trama outras formas de narrar ganham um espaço em que a lógica informativa torna-se a experiência do sujeito como temas privilegiados para materializar-se através das variantes do show, talk show e reality show compondo o cenário midiático contemporâneo.

De acordo com a autora, com o avanço progressivo e irrefreável da midiatização ofereceu um cenário privilegiado que se desdobra numa quantidade de variantes literárias coexistindo sob formas auto ficcionais como os clássicos relatos de vidas nas ciências sociais de forma obsessiva que se materializava na escrita, nas artes plásticas, no cinema, no teatro e no audiovisual pela experiência do vivido, do autêntico do testemunhal. A autora define de espaço autobiográfico, convivência simultânea das múltiplas formas contemporâneas dos relatos com as formas canônicas do discurso biográfico, as biografias, as autobiografias, configurando-se como intensa diversidade narrativa. Esse espaço biográfico pode ser considerado como parte da formação desse mundo ancorado nas suas subjetividades tendo por base as categorias da temporalidade, espacialidade e experiências dos sujeitos. O espaço biográfico se constitui como terceiro tempo: o tempo do acontecimento, o tempo da enunciação e o tempo ficcional como resultado da intersecção entre a história e a ficção, constituído pelo relato, ou uma terceira via, um entre lugar, constituindo-se como cenário onde sujeitos que narram perfazem as tramas narrativas, como constructo de identidade narrativas em Paul Ricour(1997), trilhadas por uma polifonia: resultado das múltiplas vozes, a polifonia dialógica concebida por (BAKHTIN, 1989) que constituem-se em vozes de si e outras vidas sendo vividas na trama da narração, do relato.

Essa obra traz no bojo dos seus capítulos um itinerário traçado por uma genealogia, em que a autora revela os antecedentes históricos sob as formas autorais que se apresentam como canônicas, seguindo de uma crítica literária em torno da autobiografia na modernidade, dando espaço à compreensão e à interpretação dialógica entre autora, autores e leitores.

No primeiro capítulo, a autora aborda o enfoque teórico clássico em torno da autobiografia como eixo hipotético de um sistema de gêneros e por ultimo uma nova perspectiva teórica acerca da integração desses estilos em

um horizonte mais amplo da cultura, com maior intensidade vivencial, traduzido no primeiro capítulo dessa obra como sendo: O espaço biográfico: mapa do território.

No segundo capítulo “Entre o público e o privado: contornos da interioridade”, Arfuch faz um exame crítico em torno de dois paradigmas clássicos relacionados a dualidade e contraposição entre o público e o privado em torno de Arendt e Habermas e Norbert Elias. Nessa direção, a autora afirma que o divisor de águas entre ambos os espaços é um tema paradigmático da modernidade; objeto de elucidação etimológica, filosófico-política, sociológica, histórica, como sendo um rastreamento das interpretações que levaria a uma verdadeira constelação bibliográfica com bases teórica de Arendt em: “A condição humana” 1958-1974 e atese de Habermas em: História e crítica da opinião pública” 1962-1990, traz a distinção entre indivíduo e sociedade também a confrontação com o pensamento de Norbert Elias para quem os dois termos não estão em contraposição, mas em interação coextensiva entre público/privado, sendo esse último visto como “refúgio” da intimidade.

O terceiro capítulo intitulado “A vida como narração” propõe um percurso conceitual em torno da narrativa e da voz narrativa, abordando que a multiplicidade das formas que integram o espaço biográfico oferece um traço comum: elas contam de diferentes modos uma história ou experiência de vida. A narrativa enquanto dimensão configurativa da experiência outorga forma ao que é informe e adquire relevância filosófica ao postular uma relação possível entre os tempos: de vida, de relato e de leitura. A autora considera que embora o filósofo não se detenha na análise do termo experiência, mas reconhece a recorrência em que aparece nos seus trabalhos e a validade no contexto autobiográfico. Dessa forma a percepção do caráter configurativo, das narrativas, especialmente as autobiográficas e vivenciais se articula, quase de modo implícito, com o caráter narrativo da experiência.

O quarto capítulo intitulado “Devires biográficos”: a entrevista narrativa, com os subtítulos, a vida a várias vozes, avatares da conversa, a pragmática da narração, biografemas compondo o estudo da construção biográfica efetuada pela entrevista midiática, por meio da análise do corpus construído, um trabalho sobre a noção bakhtiniana de cronotopo, como

investimento temporal, espacial e afetivo que dá sentido à narração, organizando assim os diferentes motivos nos quais se plasma o relato do eu e da experiência pessoal na narrativa. E continua se referindo acerca do novo traçado do espaço público que transformou decisivamente os gêneros autobiográficos canônicos esboçando as formas de enunciação do eu.

No quinto capítulo, a autora se dedica a um (sub) corpus de entrevistas realizadas com escritores, como o caso paradigmático em relação à voz dos que criam, por sua vez, vidas e obra no trabalho. Assinala mecanismos que configuram a leitura enquanto horizonte de expectativa. Nesse contexto, o título desse capítulo: “Vidas de escritores”, que se desdobra em tópicos que refletem a trama das vozes escolhidas tecendo um texto teórico sobre a autobiografia, ao versar sobre vidas e obras, a cena da escrita, a cena da leitura, dos mistérios da criação.

E no sexto capítulo denominado como “O espaço biográfico nas ciências sociais”, a autora discute acerca da entrevista na pesquisa e desdobra-se no questionamento: O que fazer com a voz do outro, além da compreensão da escuta plural: uma proposta de análise, ela aborda um percurso crítico em torno dos enfoques biográficos. Compreender a necessidade a voz do outro autorreflexivamente, de forma a cuidar do jogo da linguagem e da trama narrativa, sem ingenuidade a respeito da sua transparência.

Por fim, o sétimo e último capítulo finaliza o livro com o título “Travessias da identidade: uma leitura de relatos de vida”, com enfoque na leitura-pesquisa, espaços simbólicos: Argentina/Itália em que faz uma análise do corpus de entrevistas biográficas em torno da emigração.

Para Paul Ricoeur(1983) “Contamos histórias porque afinal de contas as vidas humanas precisam e merecem ser contada”, essa obra de Leonor Arfuch pode ser traduzida por essa síntese que expressa a respeito do espaço biográfico e dos dilemas da subjetividade contemporânea que da título a presente obra em que a autora refere-se a esse espaço composto pela complexa multiplicidade de formas que contam de modos diferentes uma história ou experiência de vida.

Recebido em 29 de julho de 2020.

Aceito em 30 de outubro de 2020.

